



Luisella Planeta Leoni por Pixabay

## *Fratelli Tutti* - A carta do Papa Francisco para todos os povos



Por Adilson Souza, Mestre<sup>1</sup>

---

1 - Teólogo, Matemático, Mestre, Superintendente do AXIS Instituto.

## Introdução

*Na Fratelli Tutti, o Papa Francisco se diz inspirado por São Francisco, o mesmo que o inspirou à Laudato Si. E na atual, Fratelli Tutti, ele vem falar de fraternidade (irmandade) e amizade social (todos como amigos, desde as periferias até o centro das grandes decisões e questões existenciais).*

*A fraternidade tem a ver com abertura a todos, uma dimensão universal. Assim, sendo tão ampla, supõe um contato profundo, uma amizade que envolve toda a sociedade. O Papa deixa claro que a inspiração de São Francisco o leva a escrever, porém, com suas convicções pessoais, mas desejando que a reflexão leve à abertura de diálogo com todos.*

*A encíclica estava sendo elaborada quando do surgimento da pandemia do coronavírus. O Papa aproveita para chamar a atenção do mundo para as falsas (ou supostas) seguranças, dada à incapacidade de agir em conjunto dos diversos países (e mesmo dentro das nações, como vimos no Brasil).*

*Falando de fraternidade, o Papa destaca a importância de caminharmos juntos, pois, segundo ele, ninguém pode enfrentar a vida isoladamente, é junto que construímos os sonhos.*

*A encíclica é dividida (e somada) em 8 capítulos, sobre os quais discorreremos a seguir.*

## Os capítulos

Inicia-se pelas “sombras dum mundo fechado”, mostrando algumas realidades e tendências do mundo atual que dificultam o desenvolvimento da fraternidade universal. Aqui cabe chamar a atenção para as sombras. Essas não são reais, não existem, dependendo sempre de algo para impedir uma claridade, luz, para só então se 'materializar'. Portanto, essas sombras estarão mudando de lugar e forma, a depender da extensão e força da luz e dos obstáculos que aquelas interpõem.

'Ele' (o Papa) explana, no decorrer do capítulo I, sobre diversas sombras. Dentre essas, as guerras e seus fracassos, dado que os conflitos de guerra NUNCA contribuem, só destroem, tanto as pessoas, quanto os países e o meio ambiente como um todo.

Como sombras, temos no texto os poderes econômicos que, ao invés de somar, dividem. Temos uma sociedade cada vez mais globalizada que nos tornou vizinhos mas não nos tornou irmãos. Na política e no marketing utilizado na mesma sociedade, 'ele' fala da mesquinhez no jogo de desqualificações do outro – amplamente constatado nas eleições americanas e no pleito eleitoral no nosso país – deixando de lado o espírito do bem comum e focando nos interesses de uma minoria.

Também como sombras, o esgotamento de recursos e a ausência de cuidado sob o prisma dos interesses de grandes grupos econômicos, o que pode desembocar nas disputas e novas guerras, muitas vezes disfarçadas como 'nobres reivindicações' (“a Amazônia é nossa”).

As pessoas, neste mundo sombrio, não são vistas como valor primário a respeitar, de maneira especial os menos favorecidos (pobres, deficientes, idosos, indígenas, migrantes, mulheres, etc.). Nesta toada, constata-se que os direitos humanos não são iguais para todos, como há muito não se vê. A carta circular *Rerum Novarum* do Papa Leão XIII há quase 130 anos, a declaração dos direitos humanos há mais de 70, os encontros de Medellín, Puebla, Rio, Santo Domingos e Aparecida, que colocaram o pobre no centro, não têm efeitos práticos e isso também é sombra.

Sombra também é a economia, que privilegia uns poucos em detrimento da maioria, mesmo com inúmeros acordos estabelecidos, inclusive nas questões ambientais, onde a primazia do ter supera a lógica do ser e da fraternidade.

Além de tudo, temos as perseguições por crenças religiosas, por ideologia, por motivos raciais, de classe e tantos outros que assolam as minorias, estas, historicamente desprotegidas.

A esperada e sonhada estabilidade e a paz vêm sustentadas por uma falsa segurança, baseada num cenário de medo e desconfiança. Nesse vácuo, que deixa as pessoas órfãs do sistema justo e formal (estado), nitidamente pela ausência de políticas públicas efetivas, surgem espaços para as máfias, milícias, quadrilhas que 'ocupam' o lugar das instituições de direito que deveriam acolher e atender os legítimos anseios daqueles que sofrem. Se assim não o fazem, alguém toma este lugar e a desordem e fragilidades vão sendo perpetuadas.

O Papa é claro e realista ao mencionar as inovações e progressos tecnológicos, mas estes, sem equidade e inclusão social. E afirma, “como seria bom se, enquanto descobrimos novos planetas longínquos, também descobríssemos as necessidades do irmão e da irmã que orbitam ao nosso redor.” (31)

A liberdade de mercado, como alguns pretendiam fazer-nos crer que seria suficiente para tudo garantir, se desnuda, e a redução de “custos humanos” avança, fazendo (ou devendo fazer) ressoar o apelo a repensar os nossos estilos de vida, as nossas relações, a organização das nossas sociedades e, sobretudo, o sentido de

nossa existência. (33)

Ainda quanto à COVID, 'ele' exclama, “oxalá não seja mais um grave episódio da história, cuja lição não fomos capazes de aprender. Oxalá não nos esqueçamos dos idosos que morreram por falta de respiradores, em parte como resultado de sistemas de saúde que foram sendo desmantelados ano após ano” (35). 'Ele' foca, literalmente, na ferida mundial exposta na pandemia.

Quanto aos fenômenos migratórios, 'ele' dispensa partes específicas para tão grave situação e num excerto da encíclica cita que “muitos fogem da guerra, de perseguições, de catástrofes naturais. Outros, com pleno direito andam à procura de oportunidades para si e para sua família. Sonham com um futuro melhor e desejam criar condições para que se realize” (37). E o que seriam os intercâmbios, onde jovens de famílias privilegiadas são enviados para estudar, aperfeiçoar o idioma globalizante, senão oportunidades de melhoria de vida apoiadas e sustentadas por aqueles que ostentam condições dessa possível mobilidade transnacional?

A comunicação, tão importante e necessária nos coloca em risco quando o seu uso não é adequado. Pode, assim, causar dependência, isolamento e perda de contato com a realidade concreta, o que pode gerar dificuldades de relações interpessoais verdadeiras. A conexão digital deve ser vista como aliada aos processos organizacionais e de comunicação pessoal, mas não basta para lançar pontes, não sendo capaz de unir a humanidade por si só. As redes nos levam à perda de escuta ao outro obstruindo, com isso, muitas vezes, o diálogo concreto.



E o Papa fecha o primeiro capítulo nos animando,  
dizendo que a esperança é ousada, que possamos nos abrir  
aos grandes ideais que tornam a vida mais bela e digna e finaliza:

**“caminhemos na esperança”** (55).

No capítulo II, 'ele' nos brinda com o título  
**“Um estranho no caminho”**

e simboliza o conteúdo com a parábola do bom Samaritano. Nos faz perceber que, dadas as sombras e tantas questões sociais 'vultosas', vamos precisar da espiritualidade, que moveu São Francisco, para ver, sentir compaixão e cuidar das situações de sofrimento do nosso dia-a-dia.

A parábola nos apresenta alguns personagens bem sugestivos e intrigantes. O ferido é alguém que foi atacado e deixado semimorto ao largo da estrada. Mas quem é o ferido? Seu nome, sua religião, sua casa? Não importa, o que cabe aqui é identificá-lo como o nosso próximo, não sendo relevante saber de onde e quanto vale. Seu valor é pelo fato de ser o outro, para quem devemos pautar nosso olhar de compaixão e nos aproximar.

Os salteadores, também não sabemos quem são. Pode ser qualquer um ou qualquer instituição que agride, que explora, usurpa, humilha, que mata, que destrói muitos corações, histórias e reputações. É o explorador que devemos identificar e combater, tal o poder e a força de sua sombra sobre a luz do outro ou do mais fraco na maioria das vezes.

Aqueles que passam pelo caminho e não se detêm (o levita e o sacerdote) são pessoas que ostentam títulos, têm classe, que conhecem e talvez sigam as leis, mas não têm o elã prático em fazer com que a lei saia do papel e se torne letra viva e promova a dignidade e a vida. O levita e o sacerdote representam todos nós, quando não somos tocados e movidos à ação pelas calamidades e atos praticados pelos outros e que desencadeiam situações de sofrimento ao nosso próximo. Esse desprezo pelo outro nos mostra que crer em Deus e o adorar não bastam e não é garantia de viver como agrada a Deus (74).

E o Samaritano é aquele que, independentemente da situação do outro, seja este amigo ou inimigo (como se comportavam os judeus e os samaritanos), cidadão local ou migrante, crente ou agnóstico, conhecido ou não, deve acolher, cuidar, pelo simples fato de ser, o ferido, o seu próximo naquele momento e naquele lugar. O Samaritano não se pautou por leis ou quaisquer amarras. Não sabemos o que ele fez, fazia ou faria, mas importa que ele deixou tudo, parou, compadeceu-se e cuidou daquele homem, e o Papa, a partir desse contexto nos provoca, “com quem te identificas? A qual deles te assemelha?” (64).



A grande ou uma das lições é, “diante de tanta dor à vista de tantas feridas (num mundo permeado de sombras), a única via de saída, o singular jeito de agir, é ser como o bom Samaritano.” Do contrário, ao acostumarmos com situações semelhantes e passarmos ao largo como o levita e o sacerdote, estaremos mergulhados no pecado da indiferença. Na sequência, o Papa nos propõe um recomeço. Segundo ele, “a cada dia nos é oferecida uma nova oportunidade, uma etapa nova. Não devemos esperar tudo daqueles que nos governam, seria infantil. Gozamos dum espaço de corresponsabilidade capaz de iniciar e gerar novos processos e transformações” (77). As possibilidades são diversas, sejam nos conselhos municipais onde se desenvolvem e se articulam as políticas públicas dos municípios, ou como voluntários nas entidades sem fins lucrativos (ILPIs, hospitais, presídios, creches, etc.).

A encíclica nos mostra, também, que não devemos fazer sozinhos. O texto é imperativo (78). O Samaritano procurou um estalajadeiro. Procuremos as instituições, as autoridades, governantes e outros para unirmos nossas forças e transformar a realidade, mesmo que seja a partir de uma única pessoa.

E o capítulo se encerra expondo a tristeza papal pela Igreja ter demorado tanto a condenar energicamente a escravidão e várias formas de violência. Mas nos alerta e nos incita a não termos desculpas hoje, dizendo que

**“a fé, com o humanismo que inspira, deve manter vivo um sentido crítico perante estas tendências e ajudar a reagir rapidamente quando começam a insinuar-se situações que denotam desprezo, xenofobia, nacionalismo fechado e até maus tratos àqueles que são diferentes” (86).**

No capítulo III, o Papa Francisco nos conclama a **“Pensar e gerar um mundo aberto”**.

Ele desenvolve o texto nos provocando a olhar para fora, olhar mais além, sempre. Fala do êxtase no fato de sairmos de nós para encontrar nos outros um acrescentamento de ser. No outro nós nos completamos e nos vemos melhor. Nos leva a sair de um grupo reduzido e expandir os contatos numa teia de amplas relações, evitando o egoísmo da centralização no eu individual e no “eu casal”, no caso de marido e mulher que não se relacionam com o mundo e se “tornam” auto referencias. Para isso, faz-se necessário a comunicação com o outro para que haja a comunicação consigo mesmo. Dom Joel Portela, em uma *live* promovida pela CNBB complementa dizendo, 'comunicação não é o que eu falo, é o que o outro entende'.

Se centrarmos a nossa atenção no outro, “considerando-o como um só comigo mesmo”, estaremos, segundo São Tomás de Aquino, vivendo a experiência do amor ao próximo. Esse interesse pelo outro e que nos leva a querer e fazer o melhor para sua vida é que tornará possível a amizade social que a ninguém exclui e abre a todos a fraternidade (94).

Nesse interesse pelo outro e por aqueles que se encontram à margem existencial, o texto chama a atenção para as periferias que estão próximas de todos nós, seja na própria família ou em nossa própria cidade. Aqui ele alude àqueles que não nos interessam, mesmo estando próximos. Nestes casos, cada irmão ou irmã que sofre, deixado de lado pela nossa sociedade, é um forasteiro existencial, mesmo tendo nascido no próprio país. São os invisíveis, soltos e imersos na multidão, tais como milhões que emergiram durante a pandemia do coronavírus. O Papa os denomina de 'exilados ocultos', ou seja, estão 'aqui', mas se encontram fora, dado que, sob nossos olhares, eles não são percebidos e nem vistos. Assim, como excluídos, o texto cita as pessoas deficientes, os idosos e outros que sofrem a sistemática exclusão social.

Critica-se também a globalização, que visa à uniformidade unidimensional e procura eliminar todas as diferenças e as tradições, tornando todos 'iguais'; esse modelo de globalização acaba por destruir a riqueza e a singularidade de cada pessoa e de cada povo. O mundo, em consequência, falsamente universalizado, priva-se de sua beleza, de suas cores e, em última instância, de sua singular humanidade. Há um ponto fulcral no texto que, citando o bom Samaritano e destacando a sua abertura ao próximo (mesmo desconhecido, maltratado, sem perspectivas de recompensa e semimorto) torna essa aproximação de grande significado. Porém, relacionando essa passagem com o mundo onde constantemente surgem grupos sociais que se identificam e se isolam dos demais, o termo 'próximo' perde o significado e passa a vigir a palavra 'sócio', criando mundos fechados e não inclusivos. Assim, para aqueles que chegam sonhando com um futuro melhor (migrantes e outros) para si e os seus, não teriam a possibilidade de inserção e transformação de sua realidade social. O individualismo da pessoa e os direitos privados e exclusivos (às vezes, exclusivos) dos grupos, não é capaz de gerar, num aspecto amplo, um mundo melhor para a humanidade.

Precisamos de um amor universal que una as pessoas. Para caminharmos rumo à amizade social e à fraternidade universal, a pessoa (o outro) tem que ser o centro da ação. Não se pode admitir que alguns vivam com menos dignidade pelo simples fato de ter nascido em lugares ou famílias com recursos escassos ou de baixo desenvolvimento. Justificar que 'tudo depende de cada um', torna-se uma verdadeira falácia da meritocracia, desconsiderando os lentos, os fracos, os indefesos ou menos dotados pelas circunstâncias da vida, naturais ou provocadas pelo sistema.

Nesse sentido não poderemos celebrar a festa da fraternidade universal enquanto o sistema econômico-social produzir, ainda que uma só vítima, e houver uma pessoa descartada na sociedade. Cabe a todos os cristãos e não cristãos o esforço e a alegria do serviço às

pessoas. O ato de servir significa o cuidado dos mais fracos de nossa sociedade, incluindo os membros das nossas famílias, consanguineamente próximos, mas não raro, distantes de nossos olhares.

Temos que viver a solidariedade, pensando e agindo em termos de comunidade e prioridade na vida de todos. Lutar contra as causas da pobreza, a desigualdade, pelos 3 Ts (trabalho, teto e terra) e eliminar a negação dos direitos sociais. Dom Hélder Câmara dizia que, “quando dou comida aos pobres me chamam de santo, mas quando pergunto por que têm fome, me chamam de comunista”. Não podemos nos calar, ainda que sob o risco de sermos tachados de forma pejorativa, desde que o serviço a favor dos mais fracos seja efetivado.

É inaceitável também que alguém tenha menos direitos pelo simples fato de ser mulher, ou porque o local de nascimento e residência determinem, por si, menores oportunidades de vida digna e necessária sobrevivência. Pode-se citar, como exemplo, a localidade de Paraisópolis, na cidade de São Paulo, onde a vida média é 10 (dez) anos mais curta que na vizinha região do Morumbi ou que a espera por uma consulta em Paraisópolis seja de 75 (setenta e cinco) dias contra 1 (um) dia no Morumbi ([www.epoca.globo.com,5/12/19](http://www.epoca.globo.com,5/12/19)).

Temos que ter ciência, como ensinaram os bispos dos EUA (124), que há direitos fundamentais que “precedem qualquer sociedade porque derivam da dignidade concedida a cada pessoa enquanto criada por Deus”.

**O Papa também discorre (126) sobre a dívida dos países e afirma que toda ela legitimamente contraída deve ser paga, porém, sem comprometer a subsistência e crescimento das nações mais pobres. No Brasil, a título de exemplo, no triênio 2015/2017 foram investidos em torno de 3% do orçamento anual na assistência social, enquanto que, para pagamento da dívida pública foram gastos em torno de 40% (13 vezes mais!!).**

# Sua entidade está planejando?

O **AXIS INSTITUTO** disponibiliza um serviço relevante e de baixo custo para sua **INSTITUIÇÃO!**

Em um mundo cada vez mais volátil, incerto e complexo uma adequada **Gestão Financeira** (gestão de entradas e saídas do caixa) e **Econômica** (planejamento das receitas, despesas e investimentos previstos e realizados) torna-se fundamental nas instituições eclesiais.



O **Planejamento Orçamentário** é instrumento relevante e de destaque, para subsidiar o processo decisório da Instituição.

Assumimos e realizamos para a sua Entidade, com total **segurança, transparência e eficiência**, alguns processos para uma boa **gestão e governança**.

Conheça nosso Serviço.  
Solicite um orçamento com nossa Equipe:

 **(31) 99311-0092**

**AXIS INSTITUTO: À frente com você!**  
[axisinstituto.com.br](http://axisinstituto.com.br)

**AXIS**  
INSTITUTO

O capítulo IV tem como título

### “Um coração aberto ao mundo inteiro”

O Papa chama a atenção para a importância da questão cultural, o acolher, abrir-se e aprender com o outro. O migrante oferece essa possibilidade de efervescência cultural quando recebido com dignidade e ofertas concretas de inserção. O ideal, como o texto destaca, é que cada um tivesse condições de desenvolvimento integral nos próprios países, mas isso nem sempre é possível e ainda se mostra utópico na humanidade.

Os nossos esforços, citados na *Fratelli Tutti*, para com os migrantes, deveriam ser “acolher, proteger, promover e integrar”, favorecendo o encontro entre pessoas e culturas, dado que tanto as comunidades como as sociedades teriam a oportunidade de enriquecimento e desenvolvimento humano integral para todos. A própria identidade no diálogo com aqueles que são diferentes, aprofunda-se e se enriquece. O barco da humanidade é um só. Ou nos salvamos todos ou não salvamos ninguém. E de maneira direta e dura, o Papa exorta: “se nos preocupa o desaparecimento de algumas espécies, deveria afligir-nos o pensamento de que em qualquer lugar possam existir pessoas e povos que não desenvolvem o seu potencial e a sua beleza por causa da pobreza ou doutros limites estruturais” (137).

E para aqueles que veem o pobre como estorvo, a encíclica afirma: “a ajuda ao desenvolvimento dos países pobres trará criação de riqueza para todos” (138). Ou seja, é uma lógica tão explícita e absurdamente real que ofusca a visão dos dominadores e privilegiados economicamente.

É preciso pensar globalmente para não viver no

simplismo da quotidianidade. O global nos resgata da mesquinhez caseira. Mas, ao mesmo tempo, temos de assumir intimamente o local, pois tem algo que o global não possui: ser fermento, enriquecer, colocar em marcha mecanismos de subsidiariedade (142). Aqui nos faz lembrar, no caso do Brasil, as discussões e críticas acaloradas aos governantes no âmbito estadual e federal e o pouco caso e o descompromisso com as eleições e cobranças no âmbito municipal, onde temos o poder do fermento, mas, muitas vezes nos fechamos em nossos muros e sombras da omissão e das mudas lamentações.

O capítulo V, chamado

### “A política melhor”

nos brinda como um autêntico manual aos candidatos e aos eleitores, para um efetivo processo e mandato político refletindo, em alguns pontos, a Doutrina Social da Igreja.

O Papa destaca a questão do populismo e liberalismo, chamando a atenção para os governos populares, quando positivos e necessários, sendo “capazes de interpretar o sentir dum povo, a sua dinâmica cultural e as grandes tendências duma sociedade. O serviço que prestam, congregando e guiando, pode ser a base para um projeto duradouro de transformação e crescimento, que implica também a capacidade de ceder o lugar a outros na busca do bem comum. Mas degenera num populismo insano, quando se transforma na habilidade de alguém atrair consensos a fim de instrumentalizar politicamente a cultura do povo, sob qualquer sinal ideológico, ao serviço do seu projeto pessoal e da sua permanência no poder” (159).



E faz questão em afirmar que, “longe de mim propor um populismo irresponsável” (161).

Como saída para a situação, defende que a grande questão é o trabalho, pois, ser verdadeiramente popular é garantir a todos que coloquem em prática as suas capacidades, as suas forças e iniciativas, sendo essa a melhor forma de ajuda ao pobre e o melhor caminho para uma digna existência. Destaca que “não há pobreza pior do que aquela que priva do trabalho e da dignidade do trabalho” (162).

No entanto, a provisoriedade no enfrentamento de emergências não pode ser descartada, mas, “o verdadeiro objetivo deveria ser sempre consentir-lhes uma vida digna através do trabalho” (162).

E, numa lógica às vezes incompreendida, temos que discernir para saber identificar os prós e contras em uma política para o bem comum. Pois nesse contexto, quando alguns defendem os direitos dos mais frágeis da

sociedade, é frequente acusá-los como populistas. Cabe uma análise profunda da economia, com abertura para mudanças no modelo e na condução da mesma. “O mercado, por si só, não resolve tudo, embora às vezes nos queiram fazer crer neste dogma de fé neoliberal. Trata-se dum pensamento pobre, repetitivo, que propõe sempre as mesmas receitas perante qualquer desafio que surja [...] é indispensável uma política econômica ativa, visando “promover uma economia que favoreça a diversificação produtiva e a criatividade empresarial”, para ser possível aumentar os postos de trabalho em vez de os reduzir. A especulação financeira, tendo a ganância de lucro fácil como objetivo fundamental, continua a fazer estragos [...] A fragilidade dos sistemas mundiais perante a pandemia evidenciou que nem tudo se resolve com a liberdade de mercado e que, além de reabilitar uma política saudável que não esteja sujeita aos ditames das finanças, “devemos voltar a pôr a dignidade humana no centro e sobre este pilar devem ser construídas as estruturas sociais alternativas de que precisamos” (168).

**Os pobres devem participar das discussões e encaminhamentos e não ficarem à margem daquilo que diz respeito a eles. O Papa diz que, “com eles, será possível um desenvolvimento humano integral, que implica superar “a ideia das políticas sociais concebidas como uma política para os pobres, mas nunca com os pobres, nunca dos pobres, e muito menos inserida num projeto que reúna os povos”. (169)**

Com relação às disputas de poder, os Estados tendem a perder, dada a dimensão econômico financeira de caráter transnacional. Assim, o texto alerta para a “indispensável maturação de instituições internacionais mais fortes e eficazmente organizadas, com autoridades designadas de maneira imparcial por meio de acordos entre governos nacionais e dotadas de poder de sancionar” (172).

No subtítulo, 'a política necessária', 'ele' é enfático quando diz que, “a política não deve submeter-se à economia, e esta não deve submeter-se aos ditames e ao paradigma efficientista da tecnocracia” (177).

O importante é pensar no bem comum a longo prazo; isso é grandeza política, ou seja, “pensar nos que hão de

vir não tem utilidade para fins eleitorais, mas é o que exige uma justiça autêntica, porque, como ensinaram os bispos de Portugal, a terra “é um empréstimo que cada geração recebe e deve transmitir à geração seguinte” (178). Seria planejar a política com visão sistêmica e de longo prazo, uma visão institucional de governo e não de políticos ou de partidos.

O Papa nos impele à aproximação da política e atesta: “é uma sublime vocação, é uma das formas mais preciosas de caridade, porque busca o bem comum” (180).

Poeticamente e com viés didático, 'ele' nos fala do amor elícito, ou seja, aquele que expressa os atos que brotam diretamente da virtude da caridade, dirigidos a pessoas e povos, e também cita o amor imperado, aquele que

traduz os atos de caridade que nos impelem a criar instituições mais sadias, regulamentos mais justos e estruturas mais solidárias.

E lembrando do contexto populista de conotação negativa, destaca que “não se pode enfrentar o escândalo da pobreza promovendo estratégias de contenção que só tranquilizam e transformam os pobres em seres domesticados e inofensivos. Como é triste ver que, por detrás de presumíveis obras altruístas, o outro é reduzido à passividade” (187).

Propondo mais fecundidade que resultados, a encíclica nos recorda de que, na atividade política, “amar o mais insignificante dos seres humanos como a um irmão, como se existisse apenas ele no mundo, não é perder tempo” (193) e “independentemente da aparência, cada um é imensamente sagrado e merece o nosso afeto e a nossa dedicação. Por isso, se consigo ajudar uma só pessoa a viver melhor, isso já justifica o dom da minha vida” (195).

É fechado o capítulo de forma bem rígida e realista, quando 'ele' fala aos políticos de perguntas dolorosas que deverão ser feitas no futuro, tais como, “Quanto amor coloquei no meu trabalho? Em que fiz progredir o povo? Que marcas deixei na vida da sociedade? Que laços reais construí? Que forças positivas desencadeei? Quanta paz social semeei? Que produzi no lugar que me foi confiado?” (197)

## O “Diálogo e a amizade social”

é o título do capítulo VI.

O texto inicia resumindo o que seria o verbo dialogar, ou seja, “aproximar-se, expressar-se, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se por entender-se, procurar pontos de contato” (198).

A ausência do diálogo leva à imposição do jeito próprio de pensar, reduzindo as possibilidades de uma rica conversação. Porém, a expectativa é de que, no futuro, os 'heróis' possam quebrar essa lógica doentia e sustentar uma palavra densa de verdade. Oxalá, esses

'heróis' estejam sendo gerados silenciosamente no coração da nossa sociedade (202).

As opiniões e divergências são necessárias. “Num verdadeiro espírito de diálogo, nutre-se a capacidade de entender o sentido daquilo que o outro diz e faz, embora não se possa assumi-lo como uma convicção própria” (203). Lembra-nos, novamente o grande Dom Hélder, “se discordas de mim, tu me enriqueces”.

O relativismo é criticado, dado que os valores morais e situações diversas podem ser interpretados segundo as conveniências. Por exemplo, nas prisões e nos índices de mortes violentas, tem-se mais negros por que a maioria da população assim o é no Brasil e porque a população negra sofre muito mais os efeitos da desigualdade social. Mas a mesma lógica relativista não se aplica nas salas de aula das universidades e, principalmente nos cursos mais concorridos. Neste caso, a conveniência é dizer que é questão de meritocracia, dado que 'não é conveniência da hora'. Assim, “Ao relativismo junta-se o risco de que o poderoso ou o mais hábil consiga impor uma suposta verdade” (209).

O Papa, generoso com a arte brasileira, lembra a música de Vinícius de Moraes quando cita que “a vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro na vida” (215). E essa canção fala de alegria, diz que a vida não é de brincadeira e poetiza, 'é melhor ser alegre do que triste, alegria é a melhor coisa que existe...a tristeza tem sempre uma esperança, a tristeza tem sempre uma esperança, de um dia não ser mais triste não.’ O Papa, mesmo citando apenas o título do Vinícius, traz, no íntimo, a esperança da alegria, como marca natural de seu pontificado e desta bela encíclica.



E continuando sobre a importância do encontro e do diálogo que sustentam e geram a paz entre os povos, 'ele' faz um importante alerta, “quando uma parte da sociedade pretende apropriar-se de tudo aquilo que o mundo oferece, como se os pobres não existissem, virá o momento em que isso terá as suas consequências. Ignorar a existência e os direitos dos outros provoca, mais cedo ou mais tarde, alguma forma de violência, muitas vezes inesperada” (219).

E finaliza o capítulo destacando a importância de um pacto cultural entre os povos, dado que, “nenhuma mudança autêntica, profunda e estável é possível, se não se realizar a partir das várias culturas, principalmente dos pobres” (220) e continua, “este pacto implica também aceitar a possibilidade de ceder algo para o bem comum. Ninguém será capaz de possuir toda a verdade nem satisfazer a totalidade dos seus desejos, porque uma tal pretensão levaria a querer destruir o outro, negando-lhe os seus direitos” (221).

O capítulo VII nos abre com o título **“Percurso dum novo encontro”**.

O Papa recorda a fala dos bispos do Congo, dizendo que “os acordos de paz no papel, nunca serão suficientes; será preciso ir mais longe, integrando a exigência de verdade sobre as origens desta crise recorrente. O povo tem direito de saber o que aconteceu” (226). Tal afirmação se encaixa em toda e qualquer região de conflito presente ou no passado. Perdoar não significa esquecer, mas cultivar a memória do passado de forma a contribuir para libertar o futuro das próprias insatisfações e riscos. Ele ratifica a importância de que a paz não é algo imediato, mas é um processo cujo empenho se prolonga no tempo.

O futuro deverá estar comprometido com a paz entre os povos e para isso, o processo é contínuo, daí se prolonga entre gerações.

A paz deve se pautar na verdade, esta, como companheira inseparável da justiça e da misericórdia.

A vingança, dentro do processo de construção da paz, não deve prevalecer nunca, mas sim, a reconciliação e o perdão, sempre. De novo, não significa esquecer as dores, mas procurar superá-las reconhecendo o sofrimento de tantos quantos passaram e vivenciaram terríveis dores e não mais repeti-las nem perpetuá-las.

Citando o exemplo das famílias e de suas reconciliações, o Papa aspira a que os adversários políticos ou os vizinhos fossem vistos como enxergamos as nossas famílias. Ou seja, com questões sempre reconciliáveis. 'Ele' insiste na questão da redução das desigualdades e de suas consequências para vislumbrarmos a paz tão necessária. Critica peremptoriamente a vingança, o ódio, as guerras, a pena de morte. Para ele, essas duas últimas são respostas falsas aos problemas que o mundo enfrenta. Quanto à pena de morte, ele afirma o compromisso da Igreja para que essa seja abolida em todo o mundo. 'Ele' enfrenta o sistema com uma invejável coragem e um estímulo que só ele consegue nos trazer, num mundo tão corroído pelo egoísmo, disputas e violências sem sentido e sem qualquer possibilidade de bons resultados para a humanidade.



David Mark por Pixabay

Sobre a guerra, de forma categórica ele diz, “a guerra é a negação de todos os direitos e uma agressão dramática ao meio ambiente” (257). Dentro deste contexto, ele salienta: “toda a guerra deixa o mundo pior do que o encontrou. A guerra é um fracasso da política e da humanidade, uma rendição vergonhosa, uma derrota perante as forças do mal” (261) e critica aqueles que se apoiam no Catecismo da Igreja Católica para justificar a 'legítima defesa por meio da força militar', nos alertando que caímos facilmente numa interpretação demasiada larga deste possível direito.

**E encerra, “nunca mais a guerra!”**

No oitavo e último capítulo,  
**“As religiões a serviço da fraternidade no mundo”**,

o Papa reafirma a importância do diálogo, dessa vez, em referência às diferentes religiões, para que estabeleçam, através do diálogo, a amizade, a paz, a harmonia e a partilha de valores e experiências morais e espirituais num espírito de verdade e amor (271).

Para as discussões e desdobramentos de soluções para os problemas do mundo, 'ele' reivindica a presença e a reflexão de fundo religioso, além dos 'poderosos e dos cientistas'. E mesmo respeitando a autonomia da política, a Igreja não pode relegar a sua missão e nem ficar à margem na construção de um mundo melhor. Como ratificando o capítulo V (a política melhor), 'ele' chama para todos nós, cristãos católicos (Igreja), a responsabilidade da atenção constante ao bem comum e à preocupação pelo desenvolvimento humano integral.

E, fazendo referência a Maria, a mãe de Jesus, ele nos convoca:

**“queremos ser uma Igreja que serve, que sai de casa, que sai dos seus templos, que sai das suas sacristias, para acompanhar a vida, sustentar a esperança, ser sinal de unidade (...) para lançar pontes, abater muros, semear reconciliação”** (276).

E essa ação não se faz sem o envolvimento, compreensão e interferência política de todos nós, cristãos católicos.



E como conclusão deste capítulo, pode-se falar da importância do diálogo entre as religiões, essas que testemunham tantas coisas em comum e da possibilidade e viabilidade de se construir uma estrada, uma via, um caminho sereno de convivência, de forma pacífica e ordenada, na aceitação e tolerância das diferenças, porém, na alegria de sermos irmãos porque filhos e filhas de um único e mesmo Deus. (279).

templos pessoais e institucionais, inspirados por São Francisco, animados pelo evangelho e fortalecidos pelo Espírito Santo, a “não nos conformarmos com este mundo, mas transformá-lo pela renovação do nosso espírito, para que possamos discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, o que lhe agrada e o que é perfeito.” (Rm, 12,2)

O Papa nos desinstala, nos provoca e nos chama à responsabilidade em ver, julgar e agir, em sair de nossos

Para todos nós, esta é uma grande e valiosa oportunidade de verdadeiro e santo engajamento. Avancemos!



**Adilson Souza, Me**

*Matemático, Mestre em Engenharia Metalúrgica e Especialista em Gestão Estratégica. Superintendente do Axis Instituto e Consultor Organizacional Sênior. Professor de Graduação e Especialização: UIT/Itaúna, Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA) e Faculdade Vicentina de Curitiba (FAVI). cursando Teologia e aluno da Escola Diaconal da Diocese de Divinópolis/MG.*